

ELEIÇÕES

Federação vai a passos lentos

Modelo de aliança proposto para este ano enfrenta dificuldades, em razão da divergência de interesses entre os partidos

» RAPHAEL FELICE
» TAINÁ ANDRADE

Consideradas uma solução para o multipartidarismo da política brasileira, as federações partidárias não têm apresentado o resultado esperado. No campo da esquerda, até o momento, apenas duas alianças desse tipo tendem a serem formalizadas. Rede e PSol anunciaram, no sábado, que pretendem seguir o modelo definido pela legislação. E há conversas entre PT, PCdoB e PV, com uma improvável participação do PSB. A negociação PT e PSB têm sido marcada por desencontros.

Entre partidos de centro e direita, o Cidadania e o PSDB também costumam uma aliança que dá sinais de avanço. A aproximação ocorreu após o ensaio do tucanato em se unir ao MDB. Mas a federação ainda não vingou, possivelmente por um impasse em relação ao candidato escalado ao cargo da presidência.

Nesse espectro político, ocorreu a fusão entre DEM e PSL, que culminou na formação do União Brasil (UB). Essa aliança, no entanto, não caracteriza uma federação. Significa dizer que, com exceção da tratativa entre PSDB e Cidadania, há poucas negociações em torno da modalidade partidária lançada pelo Congresso Nacional e pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A percepção, no entanto, é de que a negociação para articular as federações têm evidenciado ainda mais as diferenças entre direita e esquerda.

Valdir Pucci, professor e mestre em ciência política, considera a federação dos partidos uma construção idealizada pelo poder legislativo, mas sem entendimento profundo. Para ele, as legendas têm muita dificuldade em fechar um acordo, em razão da diversidade de interesses. “A federação nasceu como uma substituição às coligações, mas os partidos no Brasil têm características ideológicas. Isso faz com que os interesses locais, os interesses regionais sejam muito fortes. Então, enquanto uma coligação existia, era voltada para uma eleição, dando força a quem se unia. A federação acaba engessando os partidos, o que é muito ruim, porque vai durar quatro anos”, disse.

Entre os integrantes dos partidos, as críticas são evidentes e dificultam uma aliança. “O PT tende a ser hegemônico e, no momento da articulação, adota uma postura de querer assumir as lideranças, por exemplo, à frente do governo e no controle de estatais. Agem como os bolcheviques”, reclama um congressista que prefere não ser identificado. Porém, na

Ascom/PSB



Carlos Siqueira e Gleisi Hoffmann (ambos ao centro), respectivamente presidentes do PSB e do PT: conversas não avançaram

Entenda a diferença

FEDERAÇÕES

As federações têm natureza permanente, são formadas por partidos com afinidade programática. De acordo com a legislação, duram pelo menos os quatro anos do mandato.

As federações devem ter abrangência nacional, o que também as diferenciam do regime de coligações, que têm alcance estadual e podem variar de um estado para outro.

A federação partidária deverá ter o registro deferido pelo TSE até 2 de abril, seis meses antes da eleição.

COLIGAÇÃO

As coligações têm natureza eleitoral, elas se extinguem após o pleito nas urnas. Os partidos podem se coligar para lançar candidatos nas eleições majoritárias: para prefeito, governador, senador e presidente da República.

Nas eleições proporcionais — de vereador, deputado estadual, deputado distrital e deputado federal —, não há possibilidade de coligação. Os partidos que quiserem se unir antes da eleição, devem formar federações.

Fonte: Câmara dos Deputados

política isso não funciona. “Em uma mesa de negociação, é preciso uma sensibilidade de autonomia para tocar”, acrescentou.

O deputado federal Victor Hugo (União-GO), que irá para o PL, partido de Jair Bolsonaro, durante a janela partidária, acredita não haver uma direita consolidada. Segundo ele, os partidos estão mais concentrados no centro, e a facilidade em conjugar interesses vem da força de um líder. “Os partidos de centro e centro direita têm mais facilidade de se agregar por causa de um líder, que influencia o partido. A própria direita ainda está

se consolidando, mas a unidade que se tem criado na base em torno de Bolsonaro favorece o movimento”, avalia Hugo.

“No caso da esquerda é o contrário, porque se tem um líder desagregador. A insistência do PT em continuar se reunindo em torno de um ex-criminoso desagregou muito a esquerda e isso causa problemas na hora de federar”, comparou o deputado.

Visões diferentes

De acordo com fontes ligadas ao PT, há uma diferença entre a visão do ex-presidente Lula

e outros integrantes do partido, que rejeitam a possibilidade de dividir o poder nos estados. Pelo candidato à presidência, a grande quantidade de opções de candidatos aos governos não seria empecilho para firmar a federação com o PSB. Com exceção de São Paulo, que é o diretório mais rico, nos outros estados, aos quais o PSB acredita ter a chance de vencer as eleições, Lula abriria mão de competir a fim de priorizar a harmonização entre as siglas para a federação.

Entretanto, o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a derrota para Jair Bolsonaro em

2018 motivaram um sentimento de cautela entre petistas. Uma parte dos integrantes do partido prefere lançar candidatos nos estados para aumentar o poder da legenda. Essa corrente provoca divergências internas no PT e dificulta a formalização de uma federação.

Nascido pouco antes da temporada das federações, o União Brasil desponta como uma aliança partidária que funcionou, até aqui. Integrantes do partido contam que não foi uma tarefa fácil de ser executada, e ainda faltam ajustes em alguns estados. A senadora Soraya Thronicke (UB-MS) entende que a fusão de DEM e PSL foi um ato de “saberia” que exigiu esforço. Ela afasta uma eventual aliança com MDB ou PSDB.

“Com partidos grandes, a federação ficou ainda mais longe. Não foi fácil harmonizar os interesses nas 27 unidades, e essa articulação para ver quem fica no comando de cada estado ainda não terminou. As legendas que estão conseguindo fazer federação, eu entendo que são partidos pequenos acoplando em partidos grandes para que, de repente, façam um namoro e tentem uma possível fusão lá na frente”, ponderou.

“Alegria” de Leite no PSD

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, que é presidente do PSD no estado do Rio de Janeiro, disse, ontem, que o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), recebeu “com muita alegria” o convite para ser candidato do PSD a presidente da República.

“Particpei desse convite que o presidente (nacional do PSD, Gilberto) Kassab fez a ele três ou quatro semanas atrás. Vejo isso com muita empolgação, torço muito para que isso aconteça. Percebi nele muita alegria. Não escondi o desejo de ser candidato a presidente da República”, afirmou Paes, durante a cerimônia de filiação do advogado Felipe Santa Cruz ao PSD, em um hotel no centro do Rio.

Santa Cruz, que já foi presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), é pré-candidato do PSD a governador do Rio de Janeiro.

“Estamos muito confiantes. O convite foi feito ao governador Eduardo Leite para que ele ingresse nas fileiras do PSD e, se vier, será nosso candidato a presidente”, seguiu Paes. “Tem dois candidatos que são francos favoritos para estarem no segundo turno, um ex-presidente e o atual presidente. Mas tem espaço na política nacional para alguma força que represente mudança, renovação, com experiência, que não é aquela mudança novidadeira, é uma mudança já comprovada, (com) propostas concretas”, disse o prefeito do Rio.

Questionado se no segundo turno o PSD estaria aliado a Lula ou Bolsonaro, Paes afirmou que o partido vai aceitar o apoio de qualquer um dos dois ao candidato Eduardo Leite.

Durante a cerimônia, Kassab também afirmou que espera a filiação de Leite e que ele aceite disputar a presidência. “O PSD vai ter um candidato a presidente, e todo nosso esforço é para que seja o governador Eduardo Leite. O meu sentimento é de que ele será (candidato) e poderá contribuir muito. Com nosso esforço, caso se eleja presidente, vai ajudar a mudar o Brasil”, afirmou o presidente do PSD.

Além de Santa Cruz, filiaram-se ao PSD deputados e secretários municipais da gestão Paes, como Marcelo Calero (Governo e Integridade Pública) e Laura Carneiro (Assistência Social). O PSD, atualmente com 37 deputados federais, quer eleger 55 parlamentares.



ROBERTO BRANT

QUANDO A RÚSSIA INVADIU A UCRAÍNA, MINHAS PREOCUPAÇÕES ESTAVAM VOLTADAS PARA O VAZIO DO DEBATE PÚBLICO NO BRASIL. A POLÍTICA OFICIAL DO GOVERNO É DE CONDESCENDÊNCIA E TOLERÂNCIA. AS ESQUERDAS HISTÓRICAS E SEU CANDIDATO VITALÍCIO PREFEREM CONDENAR OS EUA E A EUROPA. É CINISMO DEMAIS.

Quando não pode haver dois lados

Na luta para alcançar o poder, os políticos costumam deixar de fora as questões morais e os princípios que dão o fundamento da civilização humana. A competição política entre indivíduos ou nações está sempre exposto os piores instintos dos homens. É um espetáculo apenas para quem perdeu toda a sensibilidade. Tudo isso acontece de forma ampliada quando a política se transforma em guerra, que é a sua forma extrema e sem disfarces.

Até quando a Rússia iniciou a invasão da Ucrânia, minhas preocupações estavam voltadas inteiramente para a futilidade e o vazio do debate público no Brasil, além da pobreza das opções eleitorais que se anunciavam. O Brasil parece perseverar

no triste destino de ser no mundo o único país que é pobre apesar de rico, ou mais claramente, um país que tem tudo, mas sua população não tem nada. Vivendo no Brasil e tendo um mínimo de compaixão e de sentimento, é impossível não sentir tristeza e indignação.

Após a agressão, injusta e desigual, de um dos três maiores exércitos do mundo a um país muito menor, praticamente desarmado e ainda procurando se construir, num tipo de guerra de conquista territorial que todos pensavam havia sido sepultado junto com os restos de Hitler e de Stalin, não há como não multiplicar a nossa dor e mudar o nosso olhar. O cenário de destruição de casas, ruas, estradas, o incêndio das

idades, a fuga de dois milhões de mulheres, crianças e idosos, deixando para trás toda a sua vida e mais a morte de civis inocentes, tudo isto pela vontade de um tirano, é demais para caber no coração de uma pessoa, mesmo longe do palco das atrocidades.

Ninguém pode estar alheio ao que se passa na Ucrânia, principalmente nenhum ser humano digno desta condição pode deixar de estar ao lado dos ucranianos que estão sendo mortos, feridos ou desterrados. Não há ideologia, conveniência material ou razão política que possa justificar qualquer outra posição, seja de apoio, seja de neutralidade. Temos o dever de ser tolerantes com quem afirma ideias políticas diferentes, mas

como seres dotados de consciência, não podemos tolerar a condescendência com a morte e o sofrimento humanos.

Populações de todo o mundo levantaram-se em solidariedade aos ucranianos, pressionando seus Estados a reagir de forma inédita à agressão militar. As sanções já impostas têm o poder de aniquilar a economia russa e o modo de vida da sua população. São uma reação proporcional e mais prudente do que o enfrentamento militar, diante da incerteza sobre as condições mentais do líder russo e do alcance de suas fantasias. O esfacelamento da economia pode levar a Rússia a promover mudanças políticas que tornem o país menos perigoso para a humanidade.

O que acrescenta mais amargura ao nosso espírito é o papel do Brasil nisso tudo. Estamos vivendo como se nada estivesse acontecendo. Uma pesquisa indica que mais da metade dos brasileiros prefere que o país se mantenha neutro, numa demonstração de que estamos perdendo a distinção entre o bem e o mal e a empatia com o sofrimento dos outros.

A política oficial do governo é de condescendência e tolerância. Apesar de votar pela condenação na ONU, criticou os termos da deliberação e tem afirmado que as sanções deveriam ser previamente aprovadas pela ONU, como se o direito de veto da Rússia o permitisse. Condena o apoio militar à resistência da Ucrânia, o que é pedir que o país

se renda sem condições. Por fim, mostra preocupação com a possível desestabilização do governo russo em razão das sanções econômicas, como se esta não fosse a única solução possível para o conflito.

Na outra trincheira, as esquerdas históricas e seu candidato vitalício preferem condenar os Estados Unidos e a Europa pela origem do conflito, por supostamente ameaçarem a segurança da Rússia, a grande Rússia de Putin, democrática e socialista, modelo para a prosperidade e a justiça para os povos da Terra. Até para os termos da política é cinismo demais.

Se, além de pobres, estivermos também perdendo o senso moral, estamos chegando perto do fim de nossa história.